



**José Luis Sequeira**  
Presidente da Direção  
da APICER

**Há temas de hoje e de amanhã que são incontornáveis, tal é a força e a premência com que se assumem na nossa sociedade. Falamos do ambiente, da segurança, e da saúde como assuntos que dizem respeito a todos nós**

## Telhados de verdade

Temos vindo a assistir a um crescimento da resistência da sociedade a fenómenos novos que nos deixam avisados e nos remetem para uma análise cuidada dos factos. Trata-se nomeadamente da constatação de que as alterações climáticas estão para ficar, o que leva a cuidados redobrados quanto a tudo o que possa vir a potencializar os riscos de incêndio seja nas florestas seja nas zonas urbanas; de igual modo, e porque estão identificadas as relações entre o desenvolvimento de doenças cancerígenas e a utilização de determinados produtos de construção, compreendem-se as reclamações a que vimos assistindo sobre as coberturas usadas em escolas e espaços públicos, promovendo a sua substituição por outro tipo de coberturas não agressivas para a saúde; por fim, ouvimos o eco de quem olha para uma paisagem urbana, e reage com o desconforto semelhante ao de quem repara num jardim natural salpicado por flores artificiais. Todas as imitações têm esta vulnerabilidade: é que por mais perfeitas que sejam, não deixam de ser imitações.

Há temas de hoje e de amanhã que são incontornáveis, tal é a força e a premência com que se assumem na nossa sociedade. Falamos do ambiente, da segurança, e da saúde como assuntos que dizem respeito a todos nós até porque somos responsáveis pelas decisões que tomamos designadamente quanto à sua prevenção, e falamos de igual modo de inovação e modernidade, quando confrontamos a indústria com a necessidade de criar novos produtos e procurar a sua multifuncionalidade, conciliando esta inovação com aquela segurança que importa prevenir.

Nem sempre a segurança vem aliada aos produtos que as indústrias nos oferecem. Os decisores têm a responsabilidade de assegurar a segurança e escolher materiais com um bom comportamento face a fenómenos de grande dimensão, como o fogo. As escolas, são um exemplo, que tem vindo a ser referido com alguma insistência, e a eleição de materiais com poliuretano ou similares para as suas coberturas comprometem a resistência dos edifícios e a segurança dos que o ocupam. Há uma responsabilidade acrescida nestes decisores que optam por eleger produtos de combustão rápida, não sustentáveis e que não nos proporcionem mais saúde, a nós, e ao ambiente.

Se recuarmos no tempo como temos que recuar sempre que se torna necessário evitar erros do passado, recordamo-nos dos materiais que foram sendo utilizados na construção e na cobertura de edifícios, desde as madeiras, plásticos, fibras, cimento, chapas onduladas quer de metal quer de amianto e as telhas cerâmicas, e podemos a partir daí apurar quais as que perduraram e porquê, quais é que resistiram aos anos e aos séculos, quais as que tiveram tempo e espaço para se modernizar sem outros ingredientes que não sejam a investigação, o desenvolvimento tecnológico, e o reconhecimento internacional da sua sustentabilidade.

Ao longo do tempo, tem-se mantido a preferência pelas coberturas em cerâmica por razões facilmente explicáveis, e em termos que nos permitem dizer que a cerâmica faz parte da nossa tradição, em construções novas ou em restauro, cobrindo edifícios habitacionais e monumentos históricos em cujo conjunto arquitetónico repousa a nossa cultura.

É óbvio que há em torno dos diversos materiais fatores e requisitos que são comuns, como sejam a necessidade da sua correta aplicação, e o facto de todos eles conseguirem bons resultados no imediato, quer em termos de estanquicidade quer até em termos de isolamento térmico e acústico, sendo que este pode ser mais ou menos conseguido em função dos vários materiais aplicáveis para o efeito. Estaremos sempre e em qualquer circunstância a falar de coberturas.

Também no que respeita ao desenvolvimento dos produtos e à melhoria substancial das suas características técnicas, estaremos a tratar por igual todos os que apostam no desenvolvimento tecnológico e no design, condições sem as quais não existe mercado que os sustente.

Admitimos até que possa haver vantagens comparativas específicas de um dos produtos relativamente aos demais, sobretudo se tivermos em consideração a multiplicidade de fatores que concorrem para a melhor solução para cada caso concreto.

No entanto, e se tivermos em conta o somatório dos vários requisitos, e tivermos que aliar a funcionalidade dos produtos à sua verdadeira dimensão em termos ambientais, segurança, saúde e conforto, teremos a telha cerâmica como produto de eleição, por ser um produto natural 100% reciclável, bem integrado nos novos desafios da economia circular, resistente ao fogo, isolante do ponto de vista térmico e acústico, durável e garantido, tecnologicamente evoluído, e potenciador de saúde e conforto, ao permitir que a casa "respire", que o ar interior se renove, e que o aspeto exterior sugira dizer: É UM TELHADO DE VERDADE!

*O CONSTRUIR manteve a grafia original do artigo*